

O PODER DE DEUS

Pastor Pierre Rosa

No capítulo 15 de 1 Coríntios, o autor da carta, o apóstolo Paulo, passa a falar da ressurreição de Jesus. Anteriormente ele já havia dito que o núcleo de sua mensagem era a crucificação (1 Coríntios 2:1-2). Mas, obviamente, falar da morte expiatória de Cristo sem mencionar o que o levou a ser crucificado e o que ocorreu depois desse evento não faz sentido. Isso não distinguiria a fé cristã das demais religiões, afinal de contas nenhum outro líder religioso na história provou ser divino operando milagres, sendo condenado à morte, e ressurgindo dentre os mortos, tendo sido visto por diversas testemunhas oculares (1 Coríntios 15:5-8). Por isso a mensagem do apóstolo continha a condenação, a crucificação e a ressurreição de Cristo. Esse é o resumo das Boas Novas. Mas me parece que cada vez mais e mais, de maneira geral, muita gente tem evitado falar da condenação, crucificação e ressurreição de Jesus. Talvez um dos motivos seja a preocupação em ser politicamente correto, afinal de contas é um absurdo afirmar que Jesus é o único caminho até o Pai. Mas aqueles que desejam ser fiéis à Bíblia devem ecoar as palavras de Paulo, que afirma, em outra epístola que não se envergonha de ser anunciante dessa mensagem porque “o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:26).

Aos coríntios, entretanto, o apóstolo julgou necessário, por inspiração divina, rever o evangelho que ele mesmo havia anunciado por lá. Os irmãos de Corinto haviam recebido a mensagem de braços abertos (1 Coríntios 15:1-2). Paulo afirma que recebeu primeiramente as Boas Novas (pessoalmente, do próprio Jesus, e certamente dos outros apóstolos) e o comunicou aos seus leitores (15:3): Cristo foi morto, sepultado, e ressurreto, segundo as Escrituras (15:3-4)

– as profecias do Velho Testamento que predisseram o evangelho. Ou seja, a condenação, crucificação e ressurreição de Jesus em Jerusalém, no ano 33 d.C. não foram fatalidades, mas sim eventos planejados antes mesmo da fundação do mundo (Apocalipse 13:8).

A condenação de Jesus foi segundo as Escrituras.

I. A CONDENAÇÃO DE JESUS (1 Coríntios 15: 3b).

A primeira profecia da Bíblia a respeito do sofrimento do descendente de Eva está registrada em Gênesis 3:15. Esse verso fala do golpe de Satanás no calcanhar do Messias, mas em compensação também diz a respeito do golpe fatal na cabeça da serpente (que ocorreu com a ressurreição). Ainda no livro das origens, vemos que Deus teve de sacrificar pelo menos um animal para cobrir/vestir o primeiro casal, que até antes do pecado original andavam nus (Gên. 3:21). Esse sacrifício, na verdade, foi providência divina, pois as vestes de figueira não eram aceitáveis a Deus (Gên. 3:7). Isso é porque desde que o pecado foi introduzido na terra alguém deve pagar por eles com a própria vida. Os sacrifícios de animais descritos no Velho Testamento (daqui em diante, VT) prefiguram o sacrifício suficiente de Jesus.

Mas, talvez o texto do VT mais explícito em relação aos sofrimentos de Jesus seja Isaías 53:1-6. Para realizar a obra redentora o sofredor aqui descrito teve de ser condenado a morte.

Desde a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (no Domingo de Ramos), ele teve confrontos diretos com os líderes religiosos de Israel. No fim do discurso do monte das oliveiras (capítulos 24 e 25 do evangelho de Mateus), onde ele fala sobre eventos futuros, o Mestre diz a seus discípulos que seria condenado (Mat. 26:2). Os planos para a condenação de Jesus já estavam sendo tramados (26:3). Judas, o traidor, depois de ter negociado o seu preço, ainda participou da celebração da Páscoa (a festa dos pães asmos) com Jesus e os outros onze.

No Getsêmani, enquanto orava angustiado, Jesus disse as famosas palavras “Meu pai, se possível, passe de mim

esse cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. Mat. 26:39. Ainda quando falava com os discípulos, que dormiam, Cristo viu o seu traidor se aproximar e beijá-lo. Ele foi então abandonado pelos seus discípulos (Mat. 26:56) e levado ao Sinédrio, onde recebeu a sentença (Mat. 26:62-68).

A crucificação de Jesus também foi segundo as Escrituras, Paulo afirma.

II. A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS (1 Coríntios 15:4).

Para que Jesus fosse sentenciado à pena de morte, ele deveria ser levado às autoridades romanas. Se o estado o condenasse, ele passaria pela maior tortura jamais criada pelo homem: crucificação em estilo romano. Por isso os líderes do Sinédrio o levaram ao governador Pôncio Pilatos. A morte do Messias, entretanto, havia sido profetizada no VT. O livro de Isaías, no capítulo 53 menciona os sofrimentos de Jesus, mas a partir do verso 7, prediz especificamente a morte dele. Confira Isaías 53:7-9. Mas além de ter sido profetizada no VT, a crucificação foi cumprida no Novo Testamento (NT daqui em diante).

Depois do episódio diante de Pôncio Pilatos e a escolha do povo em soltar um criminoso (Barrabás) Jesus foi açoitado e entregue para ser crucificado (Mat. 27:26). A tortura romana aos condenados começava com as chicotadas. O acusado era preso a um poste pequeno e, agachado, tinha as costas expostas aos soldados. Os chicotes eram feitos de couro com pontas de osso, madeira, ou pedra, assim confeccionadas, para causar intensa dor. As pontas rasgavam a pele das vítimas e expunham ossos e órgãos internos. A perda de sangue era quase fatal, mas os torturadores, extremamente eficientes na arte de matar lentamente, paravam antes do colapso fatal do condenado. O motivo era a continuação da tortura. O acusado tinha de carregar a sua própria cruz (a madeira horizontal, onde os braços eram pregados) ao local da execução. A tora de madeira não era polida e a fricção das farpas com as feridas expostas das costas do condenado causavam dor inimaginável. Quando finalmente o grupo chegava

ao local da crucificação, o torturado eram pregado na cruz pelos punhos (e não as mãos - para evitar a queda) e pelos pés. A morte geralmente ocorria lentamente por asfixia, pois o pulmão esticado não aspiraria mais o ar depois de certo tempo. Para acelerar a morte, os soldados romanos quebravam as pernas dos crucificados com uma marretada nos joelhos.

Com exceção da quebra das pernas, Jesus sofreu todas as dores da crucificação e mais um tanto. Ele foi perfurado na cabeça com a coroa de espinhos. Foi também espancado pelos seus executores (Mat. 27:29), e humilhado pelos expectadores (Mat. 27:39-43) e até pelos ladrões que foram crucificados com ele (Mat. 27:44). Depois de seis horas na cruz Jesus completou a obra redentora e entregou o espírito (Mat. 27:50). Algo curioso aconteceu em Jerusalém nesse exato momento: muitos mortos foram ressurretos (Mat. 27:52-53).

III. A RESSURREIÇÃO DE JESUS (1 Coríntios 15:5-8).

Paulo ainda afirma que a ressurreição de Jesus foi segundo as Escrituras. No Salmo 16:10, o salmista diz: “Pois não deixarás a minha alma na morte., nem permitirás que o Teu Santo veja a corrupção.” Veja também Oséias 6:1-2. Os relatos dos evangelhos confirmam que, de fato, Jesus ressurgiu no terceiro dia.

Mas desde o primeiro século, muitos tentaram contrariar esse fato histórico. Logo após a morte de Jesus já haviam conspirações para isso (Mat. 27:62-66 e 28:11-15). Mas é impossível negar as evidências.

As testemunhas históricas confirmam são inquestionáveis (Mat. 28:1-10). O relato da ressurreição é encontrado nos quatro evangelhos. O historiador judeu Flávio Josefo (não-cristão), trabalhando para o imperador romano, escreve a respeito dos acontecimentos em Jerusalém nessa época e afirma, em seu livro Antiquidades, que: “no Tempo de Pilatos houve um homem chamado Jesus. Sua conduta era boa e ele era conhecido por ser virtuoso. Muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações se tornaram seus discípulos.